

# As leituras e o livro

por: **MARGARIDA TOSCANO**

Colaboradora da Rede de Bibliotecas Escolares



No capítulo inicial de *Uma História da Leitura*, Alberto Manguel, autor que esteve recentemente entre nós no Seminário Internacional Sobre Bibliotecas Escolares da Fundação Calouste Gulbenkian, faz desde logo afirmações contundentes sobre a leitura: «*Todos nos lemos a nós próprios e ao mundo à nossa volta para vislumbrarmos o que somos e onde estamos. Lemos para compreender ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase tanto como respirar, é uma das nossas funções vitais*» - (Manguel, Alberto, (1998), *Uma história da leitura*, Lisboa, Presença, p. 21). Nesta acepção forte, o autor está a referir-se não apenas à capacidade de ler as formas gráficas codificadas que constituem a escrita, impressas sobre papel ou outro suporte, mas à leitura num sentido mais lato, como capacidade de decifrar e atribuir significado a todo o tipo de signos. Neste sentido, os leitores e os actos de leitura podem desdobrar-se em múltiplas categorias, como aliás Manguel exemplifica: o astrónomo a decifrar um mapa celeste; o jogador a ler o semblante e gestos dos parceiros; dançarinos lendo as marcações do coreógrafo e o público, por sua vez,

interpretando as figuras e ritmo daqueles; músicos lendo as notações das pautas; pais, atentos, a tentarem decifrar os sinais que o rosto do bebé lhes envia; o amante, na noite, lendo às escuras os caminhos e recantos do corpo amado; pescadores e agricultores a lerem as variações dos oceanos e do tempo; psiquiatras a lerem os sonhos dos seus pacientes; adivinhos a lerem o que ninguém mais consegue; enfim, a lista seria interminável... Esta perspectiva de leitura como interpretação de signos em geral, pressupõe a anterioridade da leitura sobre a escrita e, portanto, sociedades primitivas, sociedades em que não existia escrita, mas em que ler o “grande livro do mundo” já era para o homem uma condição de sobrevivência – pelo menos, ler nas cores e luzeiros do firmamento as condições meteorológicas; ler no solo e na vegetação, os rastros, marcas e vestígios dos animais de que ele, homem primitivo, tanto podia ser o predador como a presa ...

A leitura foi-se tornando ainda mais vital com o nascimento da escrita nas antigas civilizações da Mesopotâmia e do Egipto, particularmente quando esta deixou de estar exclusivamente nas mãos de uma casta de sacerdotes escribas e administradores que a

utilizavam sobretudo para fins contabilísticos, administrativos e religiosos, e se estendeu, com Gregos e Latinos - apesar da importância que estes conferiam à oralidade - a camadas relativamente extensas da população e a usos mais diversificados: desde a escrita literária e filosófica, à escrita efémera e quotidiana que se exprimia em cartas, notas, etc.. Todavia, talvez nunca como hoje se tenha tornado tão evidente essa necessidade de ler, melhor, de saber ler, como uma função vital ao homem contemporâneo, para o qual a escrita se tornou um facto banal e familiar do quotidiano.

Encontramo-nos no limiar do que designamos frequentemente como “sociedades de informação”, sociedades que estão a emergir do desenvolvimento e difusão das novas tecnologias de informação e comunicação, para as quais a informação se tornou um valor fundamental que cresce todos os anos a um ritmo exponencial, dela dependendo não só o crescimento económico e a inovação, como o desenvolvimento pessoal e o exercício da cidadania. Seja na esfera privada, seja no domínio profissional, ou seja ainda ao nível dos nossos direitos e deveres como cidadãos, vivemos rodeados de informação

escrita, deparando-nos a cada passo com a necessidade de usar competências de leitura. Competências que, hoje, não se destinam à mera leitura de textos impressos mas têm de abranger a leitura em vários suportes e formatos. A cultura do impresso em que vivemos desde o séc. XV está a dar lugar a um novo ambiente, caracterizado pela presença crescente de sofisticados dispositivos tecnológicos – telemóvel, computador, MP3, consola de jogos, DVD... - e fluxos de informação virtual, interactiva, multimédia e hipertextual que têm a sua expressão paradigmática na Internet. Ainda que a tendência continue a ser a da coexistência entre documentos manuscritos, publicações impressas e textos electrónicos, estes últimos apresentam diferenças significativas em relação aos impressos, anunciando uma alteração profunda nas modalidades e competências de leitura e escrita e exigindo um novo tipo de leitor. Efectivamente, não apenas necessitamos de dominar as clássicas competências de leitura relativas ao texto impresso – embora tudo comece por aí – como ainda um outro conjunto de habilidades para lidar, quer com imagens, grafismo e som, tudo isso integrado em plataformas informáticas, quer com a nova forma de organização da informação em sequências não lineares, descontínuas, abertas e em rede, que caracteriza o ambiente digital. A leitura tornou-se bem mais exigente e complexa do que o poderíamos imaginar há algumas décadas.

Neste novo ambiente digital, interactivo, multimédia e hipertextual, cabe perguntar por que é que é tão importante continuar a atribuir ao livro e ao texto literário um papel de primordial importância na educação e formação das nossas crianças e jovens e na aprendizagem da leitura.

Vários estudiosos têm sublinhado que um dos mais importantes actos educativos, senão o mais importante, é o da aprendizagem da leitura. Com efeito, na escola, as práticas de leitura constituem a base para outros tipos de aprendizagem e um instrumento fundamental para estimular o pensamento abstracto. Fora da escola e ao longo de toda a vida, a leitura, nos seus múltiplos suportes e contextos, é também a competência determinante para responder aos desafios de uma sociedade em que a mudança se tornou uma constante, nomeadamente no mundo do trabalho, onde já não existem empregos garantidos para a vida inteira e a formação

se tornou permanente; para responder ao pleno exercício da cidadania e ao próprio desenvolvimento individual.

Como todos sabemos, aprende-se a ler lendo. Com os pais, os professores, os colegas, sozinhos, em voz alta, silenciosamente. Não se pode começar a ler sem alguns requisitos prévios, como a progressiva interiorização do código linguístico e gramatical, mas isso não reduz de modo algum a leitura a mera actividade de decifrar frases e palavras, letra a letra, sílaba a sílaba. Ler não é só descodificar mas também compreender, interpretar, conferir significado ao texto; é uma actividade de procura e atribuição de sentido; um complexo processo de ordem cognitiva, afectiva e pragmática, que implica uma atitude activa e criativa da parte do leitor.

Para que a leitura e a construção de sentido ocorram é necessário que se dê um encontro bem sucedido entre o leitor e o texto, e o esforço de dominar as regras e competências de leitura seja compensado pelo prazer de iniciação num domínio até aí reservado aos adultos e pela aventura pessoal que o texto possa proporcionar. Nesse encontro, o livro, pelas suas características físicas de portabilidade e definição gráfica, entre outras, assim como pela própria organização interna em páginas, folhas, eventualmente capítulos, numa sequência linear com princípio, meio e fim e um índice, continua a ser o mediador adequado entre texto e leitor. Sobretudo o livro literário, já que é este, como tentaremos demonstrar, que nos oferece um texto com mais potencialidades para iniciar à leitura, desenvolver o gosto por esta e para consolidar hábitos leitores.

Pela sua própria elaboração cultural e estética, o texto literário fornece ao leitor um contexto, personagens, acção, imagens e um desenlace final que ajudam o leitor, especialmente o recém iniciado, a formular expectativas, interrogações, hipóteses que vão sendo confirmadas ou infirmadas ao longo da narrativa, facilitando ao leitor a construção do sentido do texto. Além disso, pela natureza de objecto fronteira entre o real e o imaginário, a realidade e a ficção, o texto literário é o mais vocacionado para se abrir a múltiplas interpretações, permitindo que cada leitor encontre nele a sua verdade através do cruzamento entre a experiência do texto e a sua experiência de vida, da transição recorrente do sentido textual para o sentido do mundo. A leitura

joga-se na tríade, texto, leitor, mundo, mundo que é o referente incontornável da literatura por mais que esta se situe no plano da fantasia. Nessa medida, embora a literatura transporte o leitor para um outro domínio de experiência, para um mundo de personagens e acontecimentos que não são reais, pode, todavia, fornecer aos leitores crianças e jovens meios de elaborarem representações e sentidos para o mundo que os rodeia, para as suas relações e conflitos, e para a construção do seu próprio mundo psíquico. O que continuará a ser válido pela vida fora enquanto nos rodearmos de livros que nos falem de nós e dos outros, e induzam à transformação e enriquecimento da nossa forma de pensar.

Reside aqui outro aspecto que nos leva a conferir ao texto literário a maior importância na formação de leitores. Podemos ler por razões instrumentais e pragmáticas, por necessidade de informação e conhecimento, mas é quando lemos por prazer, quando lemos para responder às interrogações e interesses do eu ou para fugir às imperfeições deste mundo, que a leitura se enraíza em nós mais profundamente.

A criação do Programa Rede de Bibliotecas Escolares (<http://www.rbe.min-edu.pt/>) e o recente Plano Nacional de Leitura (<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/>), são os sinais mais evidentes, no nosso país, de que a leitura se tornou um problema social para o qual são necessárias soluções. Os níveis de literacia da leitura que o PISA tem revelado, a persistirem, comprometem qualquer programa sério de desenvolvimento económico e tecnológico. Já com 10 anos de existência e cerca de 1800 bibliotecas integradas, o Programa RBE tem justamente como objectivos centrais a promoção da leitura e das diferentes literacias. Quanto ao PNL, que se deverá desenvolver em articulação com as BE's, os dados estão em fase de lançamento: os recursos documentais, sobretudo literários; a formação; as actividades a desenvolver desde o pré-primário ao secundário. Cabe-nos agora a nós, professores, pais, bibliotecários e outros, levar por diante o Plano e encontrar as situações que melhor propiciem às nossas crianças e jovens descobrirem, entenderem, reflectirem e gozarem as mil e uma peripécias que um livro nos pode oferecer.